

**AGATHA  
CHRISTIE**

# **Os Quatro Grandes**

· TRADUÇÃO DE ·  
**Luisa Geisler**



Harper  
Collins

Rio de Janeiro, 2020

*um caso de*

*Horacite  
Sivrot*

Publicado originalmente em 1927

# ***Capítulo 1***

## **Um convidado inesperado**

Conheci pessoas que apreciavam fazer a travessia de um canal; indivíduos capazes de permanecer sentados com calma em espreguiçadeiras e, após chegar, esperar o barco atracar, pegar seus pertences sem delongas e desembarcar. Pessoalmente, nunca consegui lidar com isso. A partir do momento em que embarco, sinto que há pouquíssimo tempo para ficar parado em um só lugar. Mudo minha bagagem de um local para o outro, e se vou para o salão comer, reviro a refeição com uma sensação inquieta de que o barco pode chegar de forma inesperada enquanto estou no andar de baixo. Talvez tudo isso seja uma herança das partidas rápidas na guerra, quando parecia uma questão de imensurável importância garantir um lugar perto do passadiço e estar entre os primeiros a desembarcar, de forma a não perder minutos preciosos das folgas de três ou cinco dias.

Naquela manhã de julho em particular, conforme me aproximava da estação e observava os morros brancos além se avizinhandos, fiquei maravilhado com os tranquilos passageiros que conseguiam continuar em suas cadeiras, sem sequer erguer os olhos para os primeiros vislumbres de sua terra natal. Ainda assim, talvez o caso deles fosse diferente do meu. Sem dúvida, muitos haviam ido a Paris apenas por um final de semana, enquanto eu passara os últimos dezesseis meses em um rancho na Argentina. Lá, prosperei; tanto

eu quanto minha esposa aproveitamos o estilo de vida livre e fácil do continente sul-americano. Contudo, era com um nó na garganta que observava a costa familiar cada vez mais perto.

Eu aterrissara na França dois dias antes, fizera algumas transações necessárias, e, agora, estava a caminho de Londres. Deveria ficar na cidade por alguns meses — tempo suficiente para procurar antigas amizades e um velho amigo em particular. Um homenzinho de cabeça oval e olhos verdes — Hercule Poirot! Tinha a intenção de tomá-lo totalmente de surpresa. Na última carta que enviei da Argentina, não dei pista alguma a respeito de minha intenção de viajar — de fato, isso fora decidido com pressa resultante de certas complicações de negócios —, e passei por inúmeros momentos de diversão imaginando a alegria e o estupor dele ao me ver.

Poirot, eu sabia, provavelmente não estaria longe de seu quartel-general. A época em que seus casos o arrastavam de um canto a outro da Inglaterra já tinha acabado. Sua fama se espalhara, e ele não mais permitia que um caso tomasse todo o seu tempo. Com o passar dos anos, almejava cada vez mais ser considerado um “detetive consultor”, especializado como um médico de Harley Street. Sempre riu da ideia popular de ser o cão de caça humano que tomava formas incríveis e variadas para buscar criminosos e que fazia uma pausa a cada passo para medir uma pegada.

“Não, meu amigo Hastings”, dizia ele, “deixemos isso para Giraud e seus semelhantes.”

Os métodos de Hercule Poirot são próprios. Ordem, método e as “pequenas células cinzentas”. Sentado no conforto de nossas poltronas, vemos coisas que passam em brancas nuvens para outros, de forma a não tirar conclusões precipitadas como nosso valoroso Japp.

Não, havia pouca chance de encontrar Hercule Poirot longe dali.

Ao chegar a Londres, deixei a bagagem no hotel e me dirigi para meu antigo endereço. Que memórias mordazes aquilo me trouxe! Mal esperei para cumprimentar minha antiga senhoria, mas me apressei na escada, subindo dois degraus por vez, e bati na porta de Poirot.

— Pode entrar! — gritou uma voz familiar do outro lado.

Marchei adentro. Poirot estava de pé, me encarando. Em seus braços, uma pequena valise que deixou cair com um baque ao me ver.

— *Mon ami* Hastings! — gritou ele. — *Mon ami* Hastings!

E, avançando, me envolveu em um abraço caloroso. Nossa conversa foi incoerente e inconsequente. Exclamações, perguntas ansiosas, respostas incompletas, recados de minha esposa, explicações sobre onde estive, assunto em que tudo se amontoava.

— Imagino que haja alguém em meus velhos aposentos? — perguntei enfim, quando nos acalmamos um pouco. — Adoraria ficar aqui mais uma vez com você.

A expressão de Poirot mudou de forma repentina.

— *Mon Dieu!* Mas que *chance épouvantable*. Olhe ao redor, amigo.

Pela primeira vez, prestei atenção ao meu entorno. Contra a parede, havia um enorme baú que mais parecia uma relíquia pré-histórica. Perto dele estava disposta uma fileira de malas, organizadas por ordem de tamanho, da menor para a maior. A inferência era inconfundível.

— Vai viajar?

— Sim.

— Para onde?

— Para a América do Sul.

— *O quê?*

— Sim, uma coincidência engraçada, não? Vou para o Rio de Janeiro. Todos os dias disse a mim mesmo para não escrever nada nas cartas, pois, ah!, a surpresa que estará estampada no rosto do bom e velho Hastings quando me vir!

— Mas quando vai?

Poirot olhou para o relógio.

— Em uma hora.

— Achei que sempre tivesse dito que nada o faria embarcar em uma longa viagem marítima...

Poirot fechou os olhos e estremeceu.

— Não fale sobre isso, meu amigo. Meu médico, ele me garantiu que ninguém morre por essa razão... e seria apenas uma vez, veja bem, que eu não mais... eu não mais retornaria.

Ele me indicou uma cadeira.

— Venha, vou lhe contar como tudo se sucedeu. Sabe quem é o homem mais rico no mundo? Ainda mais rico que Rockefeller? Abe Ryland.

— O Rei do Sabão dos Estados Unidos?

— Precisamente. Um dos secretários de Mr. Ryland me abordou. Há uma quantidade enorme de, como você diria, *enrolação* acontecendo em uma grande empresa no Rio. Mr. Ryland queria que eu investigasse as questões *in loco*. Recusei. Disse a ele que, se os fatos me fossem apresentados, poderia lhe dar minha opinião profissional. Mas ele desaprovou: eu deveria ficar ciente dos fatos apenas ao chegar lá. Em geral, isso teria terminado o assunto. Impor algo para Hercule Poirot é pura impertinência! Mas a quantia oferecida era tão estupenda que, pela primeira vez, senti-me tentado por dinheiro. Era dinheiro para uma vida inteira, uma fortuna! E havia uma segunda atração: *você*, meu amigo. Pois ao longo destes últimos dezoito meses, tenho me sentido um velho deveras solitário. Pensei com meus botões: por que não? Estou cansado de resolver problemas tolos sem fim. Já obtive fama suficiente. Deixe-me pegar esse dinheiro e me aposentar em um lugar perto de meu velho amigo.

Fiquei bastante comovido por essa demonstração de carinho.

— Então, aceitei — disse ele —, e, daqui a uma hora, parto para pegar o trem que me levará ao navio. Uma das iro-

nias da vida, não? Mas admito, Hastings, que, se a quantia não fosse tão grande, eu poderia ter hesitado, pois, nos últimos tempos, comecei uma investigação própria. Diga-me, o que entende pela expressão “Quatro Grandes”?

— Imagino que tenha origem na Conferência de Versalhes, além de haver os famosos “Quatro Grandes” no mundo do cinema. A expressão também é usada para se referir a um grupo de peixes.

— Entendo — disse Poirot, de forma pensativa. — No entanto, tenho encontrado o termo, veja bem, em circunstâncias nas quais nenhuma dessas explicações se aplicaria. De fato, parece se referir a uma gangue de criminosos internacionais ou algo semelhante, exceto que...

— Exceto? — perguntei, quando meu amigo hesitou.

— Exceto que imagino que seja algo em larga escala. Apenas uma ideiazinha minha, nada mais. Ah, mas preciso terminar de fazer as malas. O tempo urge.

— Não vá — implorei. — Cancele a viagem e pegue o mesmo navio que eu.

Poirot se aproximou e me olhou com reprovação.

— Ah, você não entende! Dei minha palavra, compreenda, a palavra de Hercule Poirot! Apenas uma questão de vida ou morte poderia me impedir agora.

— E isso não acontece facilmente — murmurei, triste. — Exceto se, no último momento, “a porta se abre e um convidado inesperado entra”.

Citei aquelas palavras com um leve sorriso e, então, na pausa subsequente, nos assustamos com um som que veio de um dos quartos.

— O que foi isso?

— *Ma foi!* — replicou Poirot. — Ao que parece, seu “convidado inesperado” está em meu quarto.

— Mas como pode haver alguém lá? Não há entrada, exceto por essa sala.

— Sua memória é excelente, Hastings. Agora, vamos às deduções.

— A janela! Seria um ladrão? Mas ele deve ter se esforçado bastante... Eu diria que é uma subida quase impossível.

Levantei-me e estava a caminho da porta quando o som da maçaneta girando me paralisou.

A porta se abriu devagar. Emoldurado pelo batente, havia um homem de rosto magro e emaciado, coberto da cabeça aos pés de poeira e lama.

Ele nos encarou por um momento, então bambeou e caiu. Poirot se apressou para seu lado, então ergueu a cabeça e falou:

— Conhaque, rápido.

Servi a bebida em um copo e levei. Poirot conseguiu administrar um pouco, e juntos, erguemos o homem e o levamos até o sofá. Em poucos minutos, ele despertou e estudou o entorno com um olhar quase vazio.

— O que deseja, *monsieur*? — perguntou Poirot.

O homem abriu os lábios e falou em uma estranha voz mecânica.

— M. Hercule Poirot, Faraway Street, nº 14.

— Sim, sim, sou eu.

O homem não pareceu entender e apenas repetiu no mesmo tom:

— M. Hercule Poirot, Faraway Street, nº 14.

Poirot o testou com diversas perguntas. Às vezes, ele não respondia em absoluto; outras vezes, repetia a frase. Poirot gesticulou para que eu fizesse uma ligação telefônica.

— Chame o Dr. Ridgeway.

Por sorte, o médico estava em casa e, como morava justo no quarteirão vizinho, poucos minutos se passaram até que entrasse às pressas.

— O que aconteceu, hã?

Poirot lhe deu uma breve explicação, e o médico começou a examinar o estranho visitante, que parecia pouco cientista da presença dele ou até da nossa.

— Hum! — disse o Dr. Ridgeway, ao terminar. — Caso curioso.

— Febre cerebral? — sugeri.

O doutor bufou com desprezo.

— Febre cerebral! Febre cerebral! Isso não existe. É somente uma invenção de romancistas. Não, esse homem passou por algum tipo de choque. Ele veio aqui sob a força de uma ideia persistente: encontrar *monsieur* Hercule Poirot no número 14 da Farraway Street... e repete essas palavras de forma incessante.

— Afasia? — falei com ansiedade.

A sugestão não fez o médico bufar com tamanha violência quanto da primeira vez. Não fez menção de resposta, mas entregou ao homem uma folha de papel e um lápis.

— Vamos ver o que ele faz com isso — falou.

O visitante não fez nada por alguns momentos, então, de súbito, começou a escrever de forma febril. Com igual repentinidade, parou e deixou tanto o papel quanto o lápis caírem ao chão. O médico pegou ambos e balançou a cabeça.

— Nada aqui. Apenas o número quatro rabiscado várias vezes, cada uma maior que a outra. Quer escrever Farraway Street, nº 14, imagino. Um caso interessante... bem interessante. Poderia mantê-lo aqui até a tarde? Eu deveria estar no hospital, mas voltarei para verificar tudo a respeito dele. É um caso estranho demais para deixar passar.

Expliquei sobre a partida de Poirot e o fato de que eu tinha me proposto a acompanhá-lo até Southampton.

— Não há problema. Deixe o homem aqui. Ele não vai se meter em confusão alguma. Está sofrendo de exaustão completa. É provável que durma por oito horas seguidas. Vou falar com aquela maravilhosa senhoria daqui e pedir para que fique de olho nele.

E o Dr. Ridgeway partiu com sua rapidez costumeira. Com agilidade, Poirot terminou as malas, de olho no relógio.

— O tempo, ele marcha a uma velocidade inacreditável. Vamos, Hastings, não pode dizer que o deixei sem ter o que

fazer. Um problema dos mais sensacionais. O homem desconhecido. Quem é ele? *O que é ele?* Ah, *sapristi*, como eu daria dois anos de minha vida para que esse navio partisse amanhã em vez de hoje. Há algo aqui deveras curioso, deveras interessante. Mas uma pessoa precisa de tempo, *tempo*. Pode demorar dias, até meses, para que ele possa nos contar o que veio dizer.

— Farei meu melhor, Poirot — assegurei-lhe. — Tentarei ser um substituto adequado.

— Si-im.

O tom do meu amigo me pareceu um pouco duvidoso. Peguei a folha de papel.

— Se estivesse escrevendo um livro — falei, com leveza —, incorporaria isso à sua última idiossincrasia e o intitularia de *O mistério dos Quatro Grandes*. — Apontei os números desenhados.

Então levei um susto, pois nosso desmaiado se ergueu repentinamente, levantou-se na cadeira e disse com clareza e distinção:

— Li Chang Yen.

Ele tinha o olhar de um homem despertado de súbito do sono. Poirot me sinalizou para ficar em silêncio. O homem prosseguiu. Falou em voz alta e clara, e algo em sua enunciação me passou a sensação de que estava citando um texto de algum relatório ou palestra.

— Li Chang Yen pode ser visto como o cérebro dos Quatro Grandes. Ele é a força motriz e controladora. Eu o designei, portanto, como o Número Um. O Número Dois quase nunca é mencionado pelo nome. É representado por um S com duas linhas atravessadas, o cifrão, e também por duas listras e uma estrela. Pode ser inferido, portanto, que é americano e representa a riqueza. Parece não haver dúvida de que o Número Três é uma mulher de nacionalidade francesa. É possível que seja uma sereia do *demi-monde*, mas nada é sabido em definitivo. O Número Quatro...

A voz falhou e se interrompeu. Poirot se inclinou para a frente.

— Sim? — incentivou ele. — O Número Quatro?

Os olhos do belga estavam grudados no rosto do homem. Algum terror dominante parecia estar vencendo o duelo; seus traços estavam distorcidos e revirados.

— É o *destruidor* — arfou o homem. Então, com um espasmo final, desmaiou.

— *Mon Dieu!* — sussurrou Poirot. — Eu tinha razão, então. Eu tinha razão.

— Você acha que...

Poirot me interrompeu.

— Leve-o para minha cama. Não tenho um minuto a perder se for pegar o trem. Não que queira pegá-lo. Ah, se pudesse perder o trem com a consciência limpa! Mas dei minha palavra. Vamos, Hastings!

Deixando o misterioso visitante aos cuidados de Mrs. Pearson, partimos e pegamos o trem em cima da hora. Poirot alternava entre silencioso e loquaz. Ficava sentado olhando pela janela como um homem perdido em sonhos, aparentemente sem ouvir uma palavra do que eu dizia. Então voltava para a animação de forma repentina, me banhando em determinações e comandos, reforçando a necessidade de telegramas constantes.

Tivemos um longo silêncio depois de atravessar Woking. O trem, é claro, não faria parada alguma até alcançar Southampton, mas foi justo ali que o veículo foi impedido por um sinal.

— Ah! *Sacré mille tonnerres!* — gritou Poirot. — Mas fui um imbecil. Vejo com clareza agora. Sem dúvida, foram os abençoados santos que pararam esse trem. Pule, Hastings! Pule, vamos!

Em um instante, ele tinha destravado a porta de entrada do vagão e pulado no trilho.

— Jogue as malas e pule depois.

Obedeci. E bem na hora. Conforme eu me ajeitava, o trem acelerou.

— E agora, Poirot — falei, com certa exasperação —, talvez possa me dizer do que tudo isso se trata.

— Meu amigo, eu vi a luz.

— Isso é esclarecedor da sua parte.

— Deveria ser — respondeu Poirot —, mas temo, temo muito que não seja. Se puder levar duas dessas valises, acho que consigo dar cabo do resto.